

A outra globalização

Ao montar a mais ambiciosa exposição da história, o fotógrafo brasileiro denuncia os efeitos da globalização dos homens

Marcos Sá Corrêa

Cada empreitada que neste momento ocupa a agenda do fotógrafo Sebastião Salgado daria, sozinha, para encher uma biografia. Ele prepara a maior exposição individual já feita em um século e meio de história da fotografia: 550 imagens colhidas ao redor do planeta durante toda a década de 90 e exibidas simultaneamente numa dezena de países no ano 2000. Ao mesmo tempo, comprou no interior de Minas Gerais uma fazenda, para cultivar a terra na contramão do que se faz no Brasil desde o Descobrimento. Quer transformar os pastos em Mata Atlântica fechada.

Tudo isso soa inviável? Não quando se ouve qualquer projeto na própria voz de Sebastião Salgado, que aos 54 anos junta no mesmo arsenal de persuasão a verve do economista, que foi em primeira encarnação, com o olho do fotógrafo, que é desde 1973. Vinte e cinco anos depois de largar o emprego na Organização Internacional do Café, em Londres, tudo em sua vida parece fora de escala. Nos Estados Unidos, a Leica alemã anuncia o modelo M-6 dizendo ser a "câmara de Sebastião Salgado". Na Espanha, um dos últimos prêmios internacionais que entraram para sua coleção, o Astúrias, veio diretamente das mãos do rei Juan Carlos. Na França, a Amazonas, seu quartel-general parisiense, um vasto escritório no Quai de Valmy, com vista para o Canal de Saint-Martin, quando se abriu para esta entrevista tinha uma parede toda atapetada por lancinantes retratos de crianças. "Estão aí porque o Yehudi Menuhin pe-



ANA ARAUJO

"Desmata-se o Brasil a troco de nada. A paisagem que toma o lugar da floresta, além de economicamente improdutivo, é muito feia"

diu para ver", ele explicou, como se a visita do violinista fosse a coisa mais natural do mundo.

Veja — *Para que o senhor, que mora em Paris e trabalha no mundo inteiro, quer uma fazenda no Brasil?*

Salgado — Para plantar árvores. A fazenda se situa em Aimorés, onde nasci. Fica no Vale do Rio Doce, quase na divisa de Minas Gerais com o Espírito Santo, e pertenceu a meu pai. Ele havia repartido a terra entre os filhos. Fui comprando de minhas irmãs os oito pedaços e juntei outra vez seus 700 hectares que ela tinha quando eu era menino. Mas não comprei a fazenda para mim. Para todos os efeitos práticos, ela já foi doada ao patrimônio natural do país. Ou seja: está registrada no Ibama como reserva particular, o que limita muito seu uso. É a primeira reserva desse tipo criada onde não existe natureza a preservar. O que existe, no lugar, é o projeto de plantar uma floresta. Hoje ela tem um resto de mata, cerca de 200 000 árvores espa-

lhadas no meio dos pastos. Vamos plantar 1,3 milhão de árvores, para recobrir tudo com a floresta original.

Veja — *Vai desfazer a fazenda?*

Salgado — Essa é a idéia que foi tomando conta de nós, depois que eu e Lélia, minha mulher, pusemos a fazenda em nosso nome. Antes, pensávamos em fazer ali um pouco de pecuária misturada com muito reflorestamento. Depois, resolvemos ficar só com o reflorestamento. Daí a querer reflorestar os pastos só com mudas típicas da Mata Atlântica foi um pulo. Acabamos dispostos a repovoar também as matas com a fauna nativa. Não chegamos a esse ponto sozinhos. Renato de Jesus, diretor da reserva florestal da Companhia Vale do Rio Doce, nos ajudou a decidir o que fazer com as terras da família. Fundamos para isso um instituto, o Terra, nome que usei no título de um livro que publiquei com José Saramago e Chico Buarque. O Instituto Terra, enquanto trata do reflorestamento, tocará uma escola de educação ambiental em Aimorés.

A fazenda será ao mesmo tempo reserva florestal, laboratório de reflorestamento e centro de educação ambiental.

Veja — *Formará reflorestadores?*

Salgado — Também, mas não só reflorestadores. Há em Minas uma rede de escolas agrícolas que até funcionam bem, mas só cuidam de pecuária e agricultura. Quando muito, ensinam a plantar pinus e eucalipto para as fábricas de celulose. Quem sair dessas escolas com essa formação básica poderá nos próximos anos passar um tempo em Aimorés, especializando-se em recuperação ambiental. O centro pode oferecer ao mesmo tempo cursos rápidos, de quinze dias a um mês, para polímeros profissionais mais simples. Aprimorar tratoristas, por exemplo. Pouca gente parece notar, mas a erosão está mudando a paisagem brasileira. E, além do desmatamento, uma das causas é a maneira descuidada de arar o campo rasgando o solo morro abaixo. Outra, é a forma de abrir estradas sem deixar caminho para o escoamento das chuvas, ou de cortar barrancos sem pensar em sua contenção. Talvez, existindo o curso, os governos municipais prefiram empregar tratoristas treinados para ser mais cuidadosos com a terra. Aliás, por falar nisso, as prefeituras estão criando secretarias de meio ambiente, mas nem sempre elas sabem o que fazer. Nossa escola poderia dar aos secretários uma idéia do que os países ricos já sabem sobre proteção de mananciais de água, encostas e praias.

Veja — *E isso é assunto de fotógrafo?*

Salgado — Existe uma correlação enorme entre os grandes problemas humanos que eu tenho fotografado e as catástrofes ecológicas. Miséria e devastação geralmente andam juntas. Onde a miséria é a tragédia, a devastação costuma ser o cenário. Viajei por mais de 100 países. Posso dizer que vi isso acontecer no mundo inteiro. Fotografando os camponeses de Chiapas, por exemplo. No México, em 35 anos, a população fugiu do campo para a cidade. De 92% rural, passou a 72% urbana. Quem permaneceu no campo herdou um deserto. A madeira foi cortada para ser vendida aos Estados Unidos. Quando fotografei a fome no Sahel vi como o deserto avançou sobre o

norte da África. No Chade, em 1978, havia floresta. Agora, a areia desceu quase 200 quilômetros para o sul. O que aconteceu lá? Exportou-se a madeira nobre para a Europa, queimou-se o resto como lenha na cozinha. Há uma assustadora associação entre po-

**“Miséria e
devastação
geralmente andam
juntas. Onde a
miséria é a tragédia,
a devastação
costuma ser o
cenário. Vi isso no
mundo inteiro. No
México, a população
fugiu do campo
para a cidade.
Quem permaneceu
herdou um deserto”**

breza e desmatamento. Por isso, o projeto de Aimorés para mim não é um desvio em minha carreira. Ao contrário, fecha um ciclo em meu trabalho.

Veja — *Mas sua distância do Brasil não prejudica a idéia?*

Salgado — Vivo na Europa desde 1969. Moro em Paris há 26 anos. Mas tenho casa em Vitória, no Espírito Santo. E, mesmo ficando na praia, não é casa de veraneio. Está toda arrumada para a família morar, como nosso apartamento em Paris. E foi justamente o tempo que eu e Lélia passamos longe do Brasil, sem poder voltar ao país por causa de uns probleminhas com os governos militares, que nos abriu os olhos para mudanças que os moradores de Aimorés aparentemente não notaram.

Veja — *Que mudanças?*

Salgado — Quando voltamos lá em 1980, foi um choque. A diferença era espantosa. A paisagem não lembrava mais a que tínhamos na memória. Parecia um deserto. A fazenda de meu

pai sempre foi colada à cidade. Em menino, eu fazia a pé quase todo dia os 2 quilômetros até a fazenda, e o caminho, apesar de curto, atravessava um pedaço de Mata Atlântica. Eu costumava ver macacos. Encontrava até o mono-carvoeiro, que é o maior primata da América e está praticamente extinto. Restam 120 exemplares, isolados numa reserva em Caratinga (*outra região de Minas Gerais*). Atualmente, uma de minhas ambições é trazer o mono-carvoeiro de volta a Aimorés. Fui a Caratinga ver que árvores teremos de plantar na fazenda para lhe dar condições de sobrevivência.

Veja — *Que praga deu em Aimorés?*

Salgado — Em primeiro lugar, a retirada da madeira. Aquilo já foi a terra da peroba no Brasil. Em Aimorés, nos anos 50, havia três grandes serrarias que só cortavam peroba. Sabe para quê? Para virar taco em chão de apartamento no Rio de Janeiro e em São Paulo. Taco! A madeira comum queimou nas caldeiras das locomotivas, que até pouco tempo atrás ainda consumiam carvão vegetal. Ainda por cima, suas chaminés cuspiam brasas que provocavam incêndios na mata à beira das ferrovias. Assim, a floresta acabou. E a terra foi acabando junto com ela. Quando media 200 hectares, a fazenda de meu pai produzia feijão, milho, mandioca, um monte de coisa. No fim, com 700 hectares, só servia para pecuária. É assim que acontece. Desmatada, a terra se cansa, o gado precisa de espaços cada vez maiores e se derruba a mata para fazer pasto. Eu vi a degradação que isso provocou lá em casa. Havia um moinho de fubá na fazenda, daqueles antigos, movidos a roda d'água, onde as vacas costumavam beber. Elas se metiam debaixo do moinho para chegar ao córrego. Eu o reencontrei tão enterrado na areia que a porta não abre mais.

Veja — *Mas isso é problema de Aimorés ou da fazenda?*

Salgado — A meu ver o problema não é exclusivo sequer de Aimorés. Está acontecendo no Brasil todo. Na fazenda de meu pai até que sobrou alguma coisa. Ele deixou de pé perobas que na época eram finas demais para as serrarias e por isso, quarenta anos depois, há árvores de madeira de lei com mais de

3 metros de circunferência. O que aconteceu em Aimorés, como em tanto lugar de morro no interior do Brasil, é que a terra fértil, lavada pelas enxurradas, acabou dentro dos rios. E ainda assoreou os rios. Trinta quilômetros abaixo de Aimorés, o Rio Doce era navegável entre Colatina e Linhares, no Espírito Santo, quando o Estado era coberto de matas. Eu mesmo vi na região gaiolas como as do Amazonas carregando 100, 200 passageiros. Agora dá para atravessar o rio a pé. Sua profundidade média caiu para 60 centímetros. Meses atrás, fiz uma viagem de helicóptero de Vitória a Aimorés. É apavorante. Lá de cima o que se vê é um deserto. Um deserto cor de capim, na estação das chuvas, como agora. Mas, na época da seca, o chão tem cor de terra nua.

Veja — *Mas o Brasil é verde, não é?*

Salgado — Já não é mais tão verde assim. O país tem, sim, uma cobertura vegetal exuberante, mas ela está concentrada na Amazônia, e assim mesmo a Amazônia corre o risco de desaparecer. Há pouco tempo, andei fotografando no extremo norte do país, em território ianomâmi, marugo e macuxi. Lugares de Roraima que eu conheci cobertos de floresta em 1986 viraram campo aberto. Desmata-se o Brasil a troco de nada. A paisagem que toma o lugar da floresta, além de economicamente improdutivo, é muito feia. Mesmo a Amazônia, que deveria ser tratada como uma das regiões mais belas do planeta, feita para atrair turistas ricos, vai sendo queimada para dar passagem ao boi. Parece que o país inteiro tem vocação para a pecuária improdutivo, como os fazendeiros de Aimorés. Em vinte e poucos anos, aumentou seu rebanho bovino de 90 para 160 milhões de cabeças. E o Brasil importa carne, porque a sua é de má qualidade. Francamente, prefiro a mata.

Veja — *O que mostrarão suas fotos na exposição do ano 2000?*

Salgado — Serão 550 fotografias, contando 37 histórias sobre um mesmo tempo — que é o Movimento de Populações, o desenraizamento da humanidade, grande drama deste fim de século. Lélia está organizando a mostra em quatro grandes capítulos. Um sobre a aniquilação dos indígenas, o êxodo rural e a luta pela terra na América Lati-

na, uma série que começa na Floresta Amazônica e termina em megalópoles como São Paulo e Cidade do México. Outro sobre as grandes cidades do Oriente — Cairo, Bombaim, Bangcoc, Xangai, Jacarta, Istambul e Ho Chi Minh (*antiga Saigon*).

“Só se fala da globalização financeira, dos negócios, da informação, da moeda. Da globalização do ser humano não se fala. E essa é a globalização dos 95% da população mundial que sofre os efeitos da outra globalização”

Veja — *E o que elas têm a ver com o tema da exposição?*

Salgado — O fato de terem inchado de repente, por causa da fuga do campo. Em média, tinham 5 milhões de habitantes há 25 anos. Hoje, têm mais de 15 milhões, exceto Saigon, que perto das outras parece pequena. Tem 6 milhões de habitantes. Mas tinha 300 000 no fim dos anos 70. Depois, vem o capítulo africano, com fome, massacres e degradação ambiental, a grande catástrofe que foram os anos 90 na África. Isso inclui Tanzânia, Moçambique, Zâmbia, Ruanda, Burundi, Congo (*ex-Zaire*), Quênia, Angola e Sudão. Enfim, há o grande capítulo internacional, que reúne refugiados de guerra e migrações. O número de pessoas que abandonaram seus países nesta década é atordoante. Dá quase 10 milhões de emigrantes por ano. Em 1985, havia 30 milhões de pessoas vivendo no estrangeiro. Agora, são quase 130 milhões. E há uma parte só sobre crianças, que atravessa todas as histórias anteriores. São os filhos de refugiados, emigrantes, vítimas de ca-

tástrofes. São retratos feitos no mundo inteiro, uma amostra do que será a população adulta do próximo século.

Veja — *Não é coisa demais para uma exposição?*

Salgado — Ela será mesmo muito grande. A maior já feita por um só fotógrafo. Abrirá simultaneamente em São Paulo, Rio de Janeiro, Washington, Paris, Roma, Hamburgo e Barcelona. Talvez também vá para o Japão, Índia, China e África do Sul. O problema é que, por ser muito grande, requer grandes espaços de exibição, que nem sempre são fáceis de encontrar. Mas, como foi fotografada em escala planetária, será exposta no mundo inteiro. Está sendo concebida de modo a permitir que, depois da exposição, cada capítulo viaje por cidades menores, em mostras itinerantes. Além disso, dentro de cada uma delas, haverá ciclos de conferências e debates sobre as questões levantadas. Aonde forem, estarão abertas à participação de índios, sem-terra, sem-teto, qualquer grupo que queira discuti-las.

Veja — *O que espera com isso?*

Salgado — Espero provocar uma grande discussão. Quero contar o drama da reorganização da família humana na mudança do milênio. Porque é disso que se trata. Meu trabalho de fotógrafo nos anos 90 acabou me mostrando que a globalização é mesmo uma realidade. Mas só se fala da globalização financeira, dos negócios, da informação, da moeda. Da globalização do ser humano, que também está em curso, não se fala. E essa é a globalização dos 95% da população mundial que sofrem os efeitos da outra globalização. Em 1975, quando comecei a cobrir campos de refugiados na África, eles tinham 30, 40 000 pessoas. O maior, na Etiópia, alcançava 92 000 refugiados e era considerado impossível de gerir. Atualmente, há no Congo campos com 500, 600 000 pessoas e não pensamos mais nisso.

Veja — *Aonde uma discussão dessas pode levar?*

Salgado — A admitir que as pessoas têm o direito de escolher em que parte do mundo querem viver. Isso, aliás, está escrito na carta das Nações Unidas. A exposição será sobre isso. Apresentará a minha história da globalização. ■